

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC
**UFRGS**
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	Gênero, deficiência e processos de escolarização
Autor	JÚLIA GABRIELE LIMA DA ROSA
Orientador	CLAUDIO ROBERTO BAPTISTA

Título: Gênero, deficiência e processos de escolarização
Autora: Júlia Gabriele Lima da Rosa
Orientador: Claudio Roberto Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

O presente trabalho analisa a escolarização das pessoas com deficiência, considerando as variáveis associadas ao gênero. A relevância da temática pode ser identificada diante da necessidade de compreender o gênero e a deficiência como uma conjunção de fenômenos complexos, com forte impacto na vida cotidiana e na participação social. Observa-se uma grande variabilidade nos números de matrículas de pessoas com deficiência nas instituições de ensino regular quando consideramos o sexo em cada uma das deficiências que compõem o público-alvo da educação especial. A reflexão disparadora da pesquisa é baseada em indicadores sociais que demonstram que a maioria da população brasileira com deficiência é composta por mulheres (CENSO IBGE 2010) e na não confirmação desse índice quando são consideradas as matrículas de pessoas com deficiência nas instituições de ensino. No ano de aprovação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva - 2008, considerando-se o número de matrículas no ensino regular (339.227), com base nas variáveis sexo e Necessidade Educativa Especial, resulta em 50,3% as matrículas pertencentes ao sexo masculino. Após oito anos da implementação dessa Política o número total de pessoas com deficiência nas escolas de ensino regular passou a contabilizar mais de 796 mil matrículas, sendo 508.643 relativas ao sexo masculino, quase o dobro das matrículas referentes ao sexo feminino (287.843). A significância estatística desse número está na concentração de matrículas de meninos diagnosticados com transtorno do espectro do autismo e deficiência mental/intelectual. Para essa análise utilizamos do gênero como uma categoria de análise, do Modelo Social de deficiência proposto por Débora Diniz (2007) e da perspectiva da educação inclusiva, considerando como questões centrais: Qual a relação do sexo na variabilidade dos diagnósticos de acordo com as deficiências? O que justifica o elevado número de meninos, particularmente com autismo e deficiência mental/intelectual, quando comparado ao número de meninas? Quais seriam os efeitos decorrentes desse processo de identificação? A metodologia utilizada na pesquisa contou com a análise bibliográfica e com o software de estatística *PASW Statistics (SPSS)* para o cruzamento de indicadores educacionais via Censo Escolar do INEP, utilizando como variáveis o sexo, a necessidade educativa especial e o tipo de deficiência no ano de 2008 e, posteriormente, relativo ao ano 2016. Após a comparação dos dados referentes ao primeiro período (2008) e o segundo (2016), identifica-se que o cenário da escola regular, no que tange à escolarização de pessoas com deficiência, continua predominantemente masculino, principalmente naquelas deficiências que têm o seu diagnóstico pautado em padrões comportamentais. Considera-se um cenário de complexidade no que tange à inclusão escolar, o gênero e as tipologias de deficiência seguindo os pontos de reflexão apresentados sobre a identificação das meninas e dos meninos como constituintes do público-alvo da educação especial. A análise da literatura especializada indica que os fenômenos descritos podem estar relacionados a um modelo Médico de deficiência e, mais ainda, a um estereótipo de gênero, na medida em que o sexo biológico tem tanta significância naqueles diagnósticos pautados em padrões comportamentais. Nesse sentido, considera-se a importância de novos estudos que contribuam para a compreensão acerca da predominância de meninos na composição do público-alvo da educação especial, considerando a associação entre sexo e tipologias de diagnóstico.